

Impeachment está para democracia como drones estão para guerra

Mario Sergio Conti

Folha de S.Paulo, 16.08.2016

A destituição de Dilma está para a democracia assim como os drones para a guerra. Ambos reduzem os danos colaterais causados por tanques atirando nas ruas. Têm legalidade frágil e se estribam em evidências manipuláveis. Destroem inimigos, mas provocam revides.

Em 5 de março, drones atacaram a 200 quilômetros de Mogadíscio, na Somália. Eles mataram 150 pessoas, cuja existência poria em perigo assessores americanos da camarilha que controla parte do país. Não apareceram provas de que os mortos fossem criminosos. Seria difícil: as evidências provinham da interceptação de celulares, que, ninguém ignora, passam de mão em mão. Por isso, um drone atacou uma festa de casamento no Iêmen, matando 12 convidados. Grampear também é ilegal, o que não impediu a Casa Branca, bem como a Lava Jato, de gravar conversas de Dilma.

Obama dispara drones porque dispõe de uma decisão legislativa, concedida a Bush Jr., que autoriza o presidente a golpear a Al Qaeda e similares, estejam eles onde estiverem. Com ela na mão, nunca um presidente foi à guerra por tanto tempo, em tantas frentes. O Nobel da Paz mata no Afeganistão, Iraque, Síria, Paquistão, Líbia, Iêmen e Somália –nos últimos quatro, só vai de drones.

São armas politicamente contraproducentes. Quem sustenta isso é o general Stanley McChrystal, ex-comandante das forças americanas no Afeganistão. Ele disse que os drones criam uma "percepção de arrogância americana", geram um ódio "visceral". Obama dizimou a Al Qaeda, mas o Estado Islâmico surgiu das suas cinzas.

Os drones reduziram as baixas americanas. Como há menos soldados que voltam para casa em sacos negros, diminuiu a oposição interna a aventuras imperiais. Os drones também são baratos. Os "made in China" custam US\$ 1 milhão.

A sua propagação foi mais célere que a das armas nucleares. Israel, Reino Unido, Irã, Iraque, Nigéria e Paquistão usam drones. Logo, logo eles estarão na mão dos seus inimigos. (Quatro livros sobre drones foram resenhados no último "The New York Review of Books", de onde se tirou as informações aqui publicadas.)

Do mesmo modo que os drones misturam guerra e paz, levando-as para um lodaçal jurídico, no Brasil se embaralharam política e polícia. Dilma está prestes a cair por força da democracia ou de um golpe de força? É impeachment ou putsch?

Ninguém defende que esteja em curso um impedimento com crimes cristalinos, como seria o de Collor se ele não tivesse renunciado. Fala-se, isso sim, do conjunto da obra dilmesca; de corrupção sistêmica; de ruína econômica; do PT 16 anos no Planalto.

Como nada disso é motivo para impeachment, recorreu-se a drones jurídicos. Eles foram calibrados pelas manifestações de rua e pela coesão burguesa. Puderam riscar o céu porque Dilma desdisse o que defendera dias antes, na campanha.

A presidente não analisou o que lhe fizeram nem o que ela mesma fez. Limitou-se a papagaiar "golpe", "golpe", como se 1964 e 2016 fossem semelhantes. Jamais discutiu se traiu seus eleitores e, assim, sabotou a soberania popular.

Com isso, parlamentares corruptos julgaram, e voltarão a julgar, uma presidente contra a qual não se achou nada. Já as figuras-chave do governo interino, de Temer a Serra, dependem de delatores da Lava Jato.

Por meio do golpe gambiarra chegou-se à democracia drone. Ele será acionado sempre que necessário. Pelo jeito, inimigos não lhe faltarão.